

Dos diários privados aos *blogues*: uma expressão temporalmente continuada de intimidade reflexa

ANA MARIA DA COSTA MACEDO¹

INTRODUÇÃO

A “escrita de si”, os escritos do foro privado, ou também designados egodocuments, são textos não literários produzidos por pessoas comuns. Incluem os livros de razão, os livros de família, as autobiografias, as memórias, toda a espécie de diários pessoais (íntimos, de viagem, diplomáticos, militares, médicos e outros) produzidos, dum maneira geral, internamente, isto é, fora do quadro institucional ou oficial e que testemunham a posição de alguém sobre si mesmo, os seus, a sua comunidade. Podem permanecer escondidos nas profundezas de um armário, serem transmitidos de pais para filhos como atos fundamentais da vida de uma família, ou estar mais acessíveis quando tomam a forma de livros de despesas e receitas entremeados de reflexões pessoais ou narrações da vida familiar.

Este tipo de escritos aparece em todas as regiões da Europa no fim da Idade Média, à medida que as sociedades se tornavam cada vez mais diversificadas economicamente e se iam desenvolvendo estratégias individuais para assegurar a sobrevivência ou a ascensão social das famílias. A emergência da categoria “indivíduo” na sociedade ocidental, a partir do Renascimento e ao longo da Idade Moderna, torna esse tipo de textos mais comum. Mas, é, sobretudo, na segunda metade do século XVIII, com o sucesso das “Confissões” de Jean Jacques Rousseau - autobiografia escrita no final da sua vida – que mais proliferam e se diversificam os escritos privados.

O século XIX é considerado a “idade de ouro” deste tipo de textos. O lar foi-se transformando no território de autenticidade e de verdade, um refúgio onde se permitia “ser-se” igual a si mesmo, resguardado das devassas do mundo. Ter o seu diário tornou-se, nesta altura, mormente entre a burguesia, uma atividade de moda e, mesmo, uma atividade recomendada pelos pais aos filhos, em particular às jovens raparigas. Oferece-se, aliás, a uma necessidade de afirmação feminina. Num mundo burguês, em que, como refere Philippe Lejeune (Lejeune, 1998)² “as jovens raparigas eram como que prisioneiras à espera da sua sentença: o seu ofício é esperar o

¹ Doutoranda em Estudos Culturais/UM; membro do CECS – Universidade do Minho. Email: maceana@gmail.com..

² Amélie Weiler “Une jeune fille mal dans son siècle” em Philippe Lejeune, “Pour L’Autobiographie”, 1982, p. 162.

casamento” ter um diário constituía uma atividade de autonomia e reivindicação contra a injustiça da sorte que a sociedade reservava às mulheres.

Alguns destes escritos foram publicados, mas, a maior parte permanece inédita. Muitos desapareceram para sempre, outros estão nas caves e outros foram ainda depositados nos arquivos ou nas bibliotecas públicas.

A leitura dos antepassados, o Romantismo, a chegada da psicanálise, o desejo de reencontrar as raízes e a importância da história familiar, constituíram movimentos que impulsionaram a escrita intimista como meio de definir a identidade e o ser individual. Nos inícios do século XX, a psicologia, as artes, a religião e a política contribuem para acentuar ainda mais a prevalência do indivíduo. A intimidade torna-se o símbolo dessa existência individual.

Nas últimas décadas do século XX este tipo de escritos, especialmente os diários íntimos, parece destinado a um progressivo desaparecimento. No entanto, sem que fosse previsível, assistimos a um consentâneo ressurgimento nos novos ambientes virtuais.

A IMPORTÂNCIA ATUAL DESTE TIPO DE DOCUMENTOS³

A escrita pessoal é um importante testemunho de que nos podemos servir para melhor compreender a época a que se reporta. Através da escrita, o indivíduo reproduz e produz uma representação da sua realidade social. Ele interpreta a sua própria representação de realidade e exprime-a por palavras escritas. Utiliza-as consciente do seu potencial social, mas também reflete as representações do seu mundo privado, sensorial e afetivo. Desta forma, a escrita pessoal fornece um importante contributo para um grande número de estudos sociológicos.

UM ARQUIVO DE FAMÍLIA E UM ESTUDO DE CASO

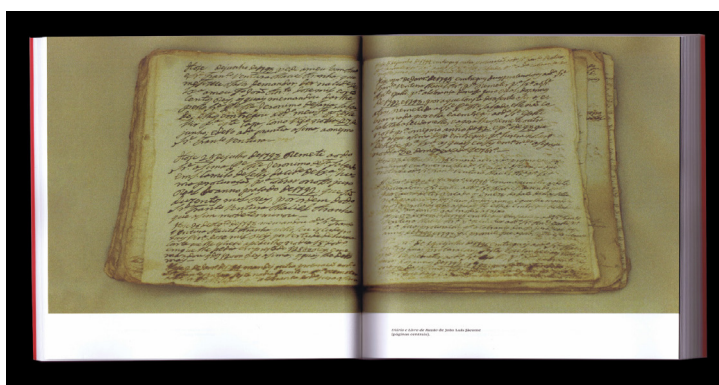


Figura 1: Diário e Livro de Razão de João Luís Jácome

O estudo que fizemos e publicamos recentemente, “Memórias e diário íntimo de um fidalgo bracarense (1787-1810)” (Macedo & Jácome, 2013) a partir da transcrição

³ A imagem apresentada na figura 1 faz parte da obra Macedo, A. & Jácome, J. (2013) *Memórias e diário íntimo de um fidalgo bracarense (1787-1810)*, Braga: Arquivo Distrital de Braga.

reconstituente de um manuscrito que intitulamos “Diário e Livro de razão de João Luís Jácome”, integrado no conjunto documental do Arquivo da Casa do Avelar (Braga 2010) possibilitou-nos, através dos escritos aí registados no dia a dia, reconstituir boa parte da vida política e pública da cidade de Braga nos finais de Antigo Regime.

Com 178 páginas cosidas na lombada com fio forte, o manuscrito que João Luís Jácome nos deixa, organizado sequencialmente em forma de diário ao longo dos últimos 24 anos da sua vida, assume todas as características de uma produção confidencial elaborada longe dos olhares públicos e constrangedores da sociedade. Membro da elite nobre e tradicional da cidade, o seu estudo permitiu-nos restabelecer as formas de exercício de poder numa cidade tradicionalmente governada pelos Arcebispos, senhores espirituais e temporais de um vasto território, numa época particularmente significativa da vida política da cidade. De fato, até à lei promulgada por D. Maria I em 1790⁴ os Arcebispos de Braga exerceram um domínio completo sobre o governo do município. O manuscrito de João Luís Jácome constitui um importante depoimento sobre as lutas interfamiliares (as disputas travadas entre as famílias nobres tradicionais e as novas forças sociais ascendentes) que então se desenvolvem no município bracarense.

Ao mesmo tempo que nos dá conta do leque de atividades públicas de um fidalgo de então - as festas, as cerimónias civis e religiosas - também nos dá a conhecer, numa perspetiva mais intimista e privada, a economia doméstica, os espaços da casa, a família, o relacionamento com os amigos, os estados de saúde e da alma, os sentimentos, os afetos, as alegrias, as situações de aflição e de tristeza.

As conclusões deste estudo subscrevem a ideia de que os documentos pessoais e as autobiografias constituem fontes férteis e genuínas para o conhecimento das relações sociais e do funcionamento das sociedades.

O ESTUDO REFERENCIAL EMPREENDIDO PELOS SOCIÓLOGOS THOMAS E ZNANIECKI

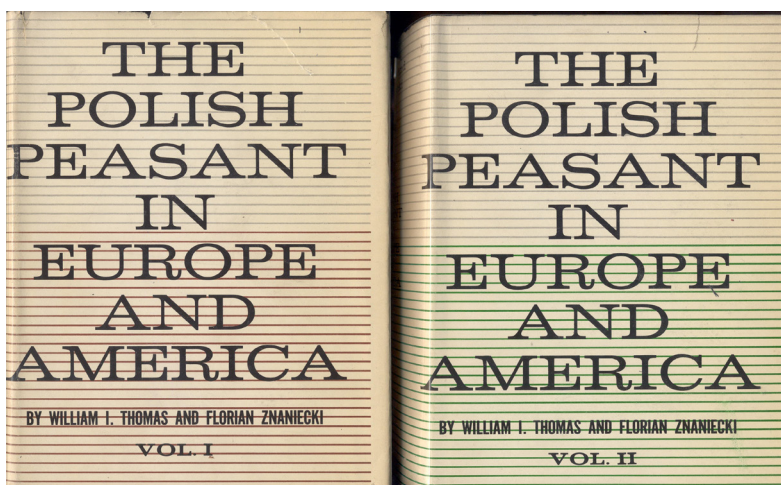


Figura 2

Fonte: <http://www.bookdepository.com/Polish-Peasant-Europe-America-William-Isaac-Thomas>

⁴ Lei da abolição das donatarias que determina a progressiva integração da Câmara de Braga na ordem pública, deixando para trás todas as jurisdições dos Arcebispos de Braga.

O marcante estudo empreendido pelos sociólogos William Thomas (americano) e Florian Znaniecki (polaco), cujos resultados foram publicados nos E.U.A., entre 1918-1920, com o título, “O Camponês Polaco na Europa e na América”, constituiu o primeiro marco da utilização sistemática da exploração científica dos documentos pessoais.

Com vista ao estudo das condições de vida e visões do mundo dos camponeses polacos emigrados para os Estados Unidos da América durante a Primeira Guerra Mundial, os autores, na impossibilidade de um contacto direto e em permanência com aqueles, seguiram um método baseado na utilização intensiva das autobiografias. Estabelecendo uma relação entre as características étnicas e culturais dos camponeses polacos com as culturas e normas sociais dos europeus e americanos, entrou-se numa área de grande interesse no domínio do estudo dos valores. O êxito desta metodologia fez com que ainda hoje na Polónia, continue a ser utilizada no fornecimento de materiais úteis aos responsáveis da nação como indicadores para a tomada de decisões. Como nos diz Lagneau (Markiewicz-Lagneau, 1976: 611) o método autobiográfico é hoje “uma instituição produtora de indicadores sociais em uso de um regime e de uma sociologia que, por diversas razões, dá menos crédito às sondagens de opinião”.

O CASO DE PIEVE SANTO STEFANO



Figura 3
Fonte: <http://www.darintodo.com/>

Num outro plano, mas igualmente no foro do tipo de expressão que nos convoca, salientamos o exemplo da pequena cidade italiana de Pieve Santo Stefano, na Toscana, que se tornou famosa a partir de 1984 com a autodenominada designação “cidade do diário”. Uma antiga aldeia, destruída pelas minas alemãs em agosto de 1944, durante a II Grande Guerra, torturada pelo fardo do seu passado e a precisar de resgatar a sua memória coletiva, tornou-se um verdadeiro museu que atrai visitantes de todo o Mundo.

A ideia partiu de Saverio Tutino (escritor e jornalista italiano nascido em Milão em 1923 e falecido em Roma 2011, conhecido como o “pai dos diários”), que

reconheceu essa oportunidade, ao fundar em Pieve Santo Stefano um centro de acolhimento (arquivo público) de escritos autobiográficos e diários, tornando, assim, a localidade numa espécie de “capital da memória privada”. Os mais diversos e anónimos autores vão aí com frequência ou para depositar os seus escritos garantindo a sua conservação pós morte, ou mesmo somente porque entendem que chegou o momento de poderem ser lidos. Deste modo, pode dizer-se que se encontrou uma nova forma de poder democrático da escrita, ao proporcionar a todos aqueles que escrevem sobre si mesmo poderem ser lidos por alguém. Ao que sabemos, cada ano dirigem-se a este arquivo cerca de 200 ou 300 pessoas com este intuito. O arquivo dos diários funciona hoje mais como uma associação viva e ativa, do que propriamente como um museu tradicional de conservação e mostra de materiais patrimonializados. O Arquivo Diarístico Nacional de Pieve Santo Stefano é um espaço que permite satisfazer uma necessidade física e real de todos os tempos: preservar a identidade individual e coletiva, para lá da existência física humana.

No primeiro domingo de setembro realiza-se a festa anual da autobiografia que se tornou também num centro de encontro dos responsáveis de outros arquivos que foram surgindo na Europa à semelhança deste. Vejam-se os exemplos de Lyon, Friburgo, Catalunha, Finlândia..., e outros em curso. Para consolidar este movimento, em 1998 foi editada uma revista da especialidade, de nome, “Primapersona”; e, em 1999, criou-se em Milão a “Universidade Livre da Autobiografia”.

As atividades da então criada Fundação Nacional do Arquivo Diarístico passaram a ser financiadas pelo Ministério dos Bens Culturais, pelas autoridades regionais da Toscana, pela Câmara do Comércio, bem ainda como por outras instituições, empresas e doadores privados. Desde 1998 a Fundação tornou-se num organismo sem fins lucrativos e, em 2009, veio a ser inserida no Código de Cultura do Estado.

“LES ÉCRITS DU FOR PRIVÉ DE LA FIN DU MOYEN-AGE À 1914»

Também em convergência com este percurso, não podemos deixar de relevar a constituição do sítio “escritos do foro privado em França do fim da Idade Média a 1914”. Trata-se do nome de um grupo de pesquisa, nascido no ano de 2003 na Universidade de Paris-Sorbonne, com o objetivo de recensear e descrever todos os textos pertencentes à grande família dos escritos do foro privado que se encontra nas coleções dos arquivos e bibliotecas públicas em França. Nele podemos encontrar diversas naturezas de escritos, tais como: livros de razão; livros de família; memórias; autobiografias; diários íntimos, de viagem, de prisão, militares; diplomáticos, médicos e, de uma maneira geral, todo o tipo de textos não literários, produzidos por pessoas comuns, fora do quadro das instituições – os chamados egodocumentos.

Pretende-se com esta iniciativa a formação de uma base de dados com vista a uma análise serial deste tipo de escritos, ultrapassando-se a investigação atual que ainda incide apenas sobre um ou alguns casos particulares. Os especialistas em história da família, das relações sociais, das economias domésticas, do corpo, da saúde, dos sentimentos, das emoções – campo de investigação que é reconhecido

atualmente em pleno crescimento - encontram aqui material abundante para as suas pesquisas.

Através do sítio eletrónico agora criado, pode-se consultar o catálogo dos textos existentes e, por unidades ou categorias de descrição, chegar-se à ficha do documento (com a cota, o lugar em que se encontra, o sumário, as formas de utilização).

“FIRST PERSON WRITINGS IN EUROPEAN CONTEXT”

Também a rede recentemente criada, com a designação de “escritos em primeira pessoa num contexto europeu”, partiu de um grupo de pesquisa formado em 2008 por 18 historiadores: 3 franceses, 2 italianos, 2 alemães, 2 espanhóis, 2 holandeses, e, ainda, 1 representante britânico, 1 dinamarquês, 1 checo, 1 polaco, 1 russo, 1 suíço e 1 lituano.

Nestes países onde as agências de financiamento nacionais têm reconhecido a importância destes estudos, o principal objetivo deste grupo é o de construir uma rede de pesquisa em torno dos egodocumentos (livros de família, diários, autobiografias, memórias, etc.).

Neste caso, a ideia dirigida a todos os países participantes no projeto é a de promover a formação de um banco de dados europeu, a partir dos egodocumentos de arquivos públicos e bibliotecas (não incluindo ainda as correspondências, nem se considerando aqueles que são produzidos a partir de uma instituição oficial).

A PASSAGEM DO DIÁRIO DE PAPEL AO MUNDO *ON-LINE* – A CRISE DE IDENTIDADE

Com o início da era digital, no fim do século XX, assistiu-se, desde logo, a uma rutura profunda nos modelos globais de comunicação escrita, com impactos previsíveis no surgimento de uma nova modalidade de “escrita de si” – *i.e.*, os diários virtuais publicados em *blogues*, na *internet*.

O diário íntimo, à moda antiga, refugiando-se da curiosidade alheia, guardado em esconderijos secretos, protegido por chaves e senhas indecifráveis parecia ter chegado ao fim, tanto no modo, como na finalidade. Deparávamo-nos agora com uma nova era, protagonizada pela “revolução digital”, marcada por novas formas de comunicar, de relacionar e de conhecer.

Como caracterizar a passagem do diário de papel para o mundo *on-line*? Será que assistimos à morte anunciada dos diários íntimos nas últimas décadas do século XX? Ou estaremos perante um fenómeno de continuidade, de simples adaptação contemporânea das velhas práticas e finalidades?! Deveremos antes e apenas sublinhar a descontinuidade perante a especificidade de novas formas e modos de expressão de intimidade reflexa?

Estaremos perante uma crise, uma rutura, ou, apenas, enfrentando uma nova forma de expressão da intimidade?

Poderemos admitir que um *blogue* possa ser um diário?

Como ponto de partida para o estudo das transformações na noção de partilha da escrita íntima e exposição pessoal das experiências vividas na atualidade, tomemos como exemplo da nossa reflexão o blogue de um viajante de autocaravana⁵ que, ainda na pujança da vida mas gozando já de um tempo de reforma que lhe permite saciar o gosto pelas viagens, partilha as suas experiências em forma de diário *on-line*. “Conhecer o mundo ... com a casa às costas” e partilhá-lo dia a dia com os outros é o móbil que prende António Resende ao seu *blogue* que, nas suas próprias palavras, “não é mais que um modesto diário ...”.

Admitamos, desde logo - apesar da aparente distinção de motivações e contextos - aquilo que o tempo separa e que a forma do conteúdo unifica, tentando indagar, tentando perceber o que é que une e têm de comum os escritos de Jácome e os de Resende, pautados pela continuidade dos dias, com o mesmo fito de deixar registado as impressões, as preocupações, as lembranças, destes dois homens separados por mais de duas centenas de anos.

A grande questão continua a ser a finalidade última, a motivação que os leva a partilhar o seu intimismo, o seu eu. Isto é, será o livro da casa tão secreto assim e o *blogue* irradiado da autocaravana tão devasso como à primeira vista pode supor-se? Haverá, necessariamente, um denominador comum de identidade íntima, independentemente do potencial imediato de difusão de informação.

Mas estaremos perante uma linha de continuidade, em que a maioria dos *blogues* mais não é do que adaptações contemporâneas das velhas práticas dos diários de papel, ou deveremos antes sublinhar uma descontinuidade que aposta em novas formas e especificidades? Estamos perante um novo paradigma comunicacional das escritas privadas?!

A expressão “web log” significa “diário” na internet. Mas o fato de os novos diários reconfigurarem a intimidade, dando-lhes novos contornos - pois que, ao invés da discrição que pautava os anteriores, agora o principal objetivo parece ser gerar a visibilidade do privado - leva-nos a cotejar os dois modos de comunicação.

Representando uma “escrita de si” na atualidade, os *blogues* mostram diferenças fundamentais na forma e na estrutura como são organizados.

Relativamente aos diários tradicionais que se organizam do mais antigo para o mais recente, os *blogues* são atualizados de forma contrária, *i.e.* os mais antigos vão ficando para trás e, ainda que permanecendo acessíveis, vão inexoravelmente perdendo a visibilidade. De uma intimidade privada e fechada, passa-se a uma nova noção de intimidade com vocação exteriorizante, dir-se-ia narcísica, quantas vezes algo exibicionista, com necessidade de diferentes configurações, mais ávida de novidade, de sensações, e de espetáculo.

A multiplicação de meios, como inserção de fotos, sempre atualizadas, como sejam as que vemos no *blogue* da autocaravana, é uma forma de induzir e seduzir o acesso ao seu conteúdo. O autor compartilha o seu quotidiano, os seus pensamentos,

⁵ <http://www.autocarvanasp.blogspot.pt/>

os sentimentos, as alegrias, as decepções, as impressões com quem se interessa pelos mesmos assuntos. Os *blogues* são como que substitutos de alguém para conversar. Também podem ser um meio de ultrapassar a solidão. São novas modalidades de comunicar, que se traduzem em novas formas de identidade ligadas a um mundo contemporâneo, que vive de copiar e vender, fruir e consumir, num vai e vem constante marcado pelo impacto do efémero. São, enfim, novas formas de viver a intimidade e de tornar possível a qualquer um alcançar a visibilidade, essa sensação de proximidade.

MODERNIDADE E PÓS-MODERNIDADE

Nada de novo. O mundo mudou e está em contínua mudança. Da mesma forma que os tradicionais escritos privados em papel nos revelam formas de sociabilidade muitas vezes invisíveis e traduzem a necessidade de preservar a identidade para além da efémera existência física, os diários íntimos publicados na internet dão-nos conta de transformações nem sempre fáceis de diagnosticar. Se os *blogues* são a *escrita de si* na atualidade, estudar os *blogues* é um modo de estudar e compreender o sujeito pós-moderno, o sujeito da era digital.

Se na modernidade era pressuposto que as instituições vigiavam e mantinham a ordem que imperava os princípios da racionalidade e do progresso, que as regras eram interiorizadas, os desejos reprimidos e a identidade se definia pela origem da pessoa ou da sua pertença a alguma instituição, hoje a identidade é um processo em construção guiado pela sedução e pelas correntes das massas com ritmos de afirmação cada vez mais rápidos e de curta duração. Estamos imersos numa cultura da superfície e, por isso, a aparência, o espetacular, o efémero são tão atrativos e presentes. Como nos diz G. Lipovetsky “é preciso ser como os outros e não inteiramente como eles, é preciso seguir a corrente e significar um gosto pessoal” (Lipovetsky, 1989).

No entanto, é na Modernidade que surge a escrita do diário íntimo como uma necessidade sentida pelo sujeito de situar a sua vida num percurso histórico. Desenvolve-se um estímulo à escrita. Segundo Artières (Artières, 1998), a partir do fim do século XVIII assiste-se a uma grande valorização da escrita que assume um papel crescente na vida quotidiana, nomeadamente a escrita pessoal. A escrita passa a ordenar a existência humana (dos registos civis às fichas médicas, escolares, bancárias ...) e a escrita do diário torna-se também uma forma de organizar a própria vida. Artières explica a necessidade do homem moderno “arquivar a própria vida”. E arquivar a vida passa por registá-la no papel.

A escrita do diário é um processo de individualização, de afirmação de uma identidade, de um lugar social; a afirmação de uma individualidade autónoma e soberana, fruto do Estado Moderno que surge a partir do século XVI. Mas é também a afirmação de uma individualidade que se assume como autoexame permanente. O diário íntimo de João Luís Jácome configura, claramente, estas duas vertentes. Por um lado, o registo constante e rigoroso dos gastos, dos empréstimos, das cobranças,

dos juro, da gestão da casa e da família na qual assume a missão primordial de manter a honra e a linha da primogenitura. Por outro, a necessidade de recolhimento num refúgio interior, onde assume as suas frustrações, a sua vida privada (nomeadamente o temperamento do seu filho primogénito), as suas interrogações face a uma sociedade e um época em mudança.

A passagem do diário de papel para o mundo *online* não foi, naturalmente, imediata. Os autores de diários passaram a utilizar os computadores como ferramenta de escrita e o diário passou para o computador pessoal ainda com o seu carácter íntimo e privado; a passagem para a esfera pública da *internet* é outro fenómeno.

A atual exigência de visibilidade faz com que sejam relevantes os cuidados com o corpo, com a aparência física e com a imagem de si que cada um apresenta aos outros. Hoje, ter um *blogue* é uma manifestação da moda vigente e dar uma característica peculiar ao seu, torna-lo diferente no meio de tantos outros, é a singularidade que, mais do que se afirma, efetivamente se impõe. Nos comentários podem surgir julgamentos, mas estes não exigem resposta e podem até ser apagados. Um *blogue* é, também, um diário, mas suscetível de alterações. E, tal como os diários anteriores, podem atenuar o sentimento de solidão ou mesmo chegar a ter fins terapêuticos

Trata-se de novas formas de viver a intimidade. Passamos de uma era de fronteiras bem demarcadas entre o que era vida íntima e o que era espaço público, de valorização da ordem e de uma identidade construída, para uma outra em que os sujeitos são constantemente estimulados a construir identidades transitórias, temporárias, em busca de um presente constante que impõe, sobretudo, visibilidade.

Se na Modernidade as instituições vigiavam e mantinham a ordem de forma inequívoca, hoje vivemos sob um controle muito menos perceptível. Os média, a exigência de visibilidade e a imposição de modelos, criam formas de manipulação e controle. É como se se tratasse de uma espécie de poder dissimulado que controla as formas de vida, a que Foucault se refere com a designação de “biopoder” (Foucault, 2002).

CONCLUSÃO

A necessidade de escrever *sobre si*, sobre as memórias, os sentimentos e os pensamentos, produzindo autobiografias e diários, remonta a tempos bem antigos.

A octogenária que um dia acede ao arquivo dos diários de Pieve Santo Stefano com o seu diário e declara: “Me habría gustado que al menos una persona lo leyese para no pensar que yo - puesto que no tengo marido ni hijos - he pasado por esta vida sin que nadie haya notado mi presencia, sin dejar siquiera una pequeña impronta”⁶, ilustra bem essa necessidade intemporal de partilhar a subjetividade.

Com o início da era digital, no fim do século XX, surge a ferramenta *weblog* e o fenómeno da “escrita do eu” *online* ganha notoriedade. Esta impõe-se, definitivamente, como uma marca do nosso tempo.

⁶ Publicado em 22/08/2012. Disponível em <http://www.archiviodiari.org/file/index.php/home>

Ao contrário dos diários, que têm um caráter privado e permanecem fechados aos olhares do outro, os *weblogs* são abertos ao público e as suas constantes atualizações tornam o presente sempre mais sedutor. Dir-se-ia mais, esmagador do próprio passado. A identidade marcada pelo registo diferenciado da memória pessoal, que não se apaga sem deixar vestígios, dá lugar à construção de novas identidades com um novo recurso de mascaramento que recorre à associação de arranjos gráficos, cores, fotos, que se podem sempre reescrever, mantendo a memória em permanente suscetibilidade de reconstrução e/ou revisão.

Os diários surgiram num período de afirmação da individualidade humana, onde as mudanças estruturais favoreceram a privatização do sujeito, especialmente daqueles que, com melhores condições financeiras, tinham também acesso à escrita. Os *weblogs* surgem numa época em que a individualidade se torna ainda mais forte e se cria a necessidade de produzir novas subjetividades, numa busca desenfreada pelo prazer instantâneo. Tal ocorre não só pelas possibilidades oferecidas pelas novas tecnologias, mas também pelas renovadas formas de sociabilidade que se desenvolvem na atualidade.

Não obstante, a prática da escrita *online* não exclui a escrita de diários privados, o que demonstra bem serem os dois géneros de *escrita de si* diferentes, mas também uma expressão continuada de intimidade que reflete os novos tempos.

REFERÊNCIAS

- Andrade, R. (2007) *Percursos de memórias femininas: uma análise da escrita íntima de mulheres no papel e no digital*, disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/andrade-raquel-percursos-de-memorias-femininas.pdf>, consultado em 12/07/2013
- Augé, M. (1994) *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*, Campinas: Papyrus.
- Artières, P. (1998) "Arquivar a própria vida. Arquivos Pessoais", *Revista Estudos históricos*, 21, disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/234.pdf>>.
- Bauman, Z. (2003), *Amor Líquido*, Lisboa: Relógio d'Água.
- Braga, A. (2010) *Arquivo da Casa do Avelar: estudo orgânico e catálogo*, Braga: Universidade do Minho.
- Debord, G. (1992) *La Société du Spectacle*, Paris: Gallimard.
- Foucault, M. (2002) *Microfísica do poder*, Rio de Janeiro: Graal.
- Lejeune, P. (1998) *Pour L'Autobiographie*, Paris: Seuil.
- Lipovetsky, G. (1989) *O Império e o Efêmero: a moda e os seus destinos nas sociedades modernas*. S. Paulo.
- Macedo, A. & Jácome, J. (2013) *Memórias e diário íntimo de um fidalgo bracarense (1787-1810)*, Braga: Arquivo Distrital de Braga.
- Markiewicz-Lagneau, J. (1976) «L'autobiographie en Pologne ou de l'usage social d'une technique sociologique», *Revue française de sociologie*, XVII: 591-613.

Santo Stefano, P. (2012) Città del diário, disponível em <http://www.archiviodiari.org/file/index.php/home/>, consultado em 30/07/2013.

Sibilia, P. (s/d) *Os diários íntimos na Internet*, disponível em http://antroposmoderno.com/antroposmoderno-version-imprimir.php?id_articulo=1143, consultado em 30/07/2013.

BLOGUES CONSULTADOS:

<http://www.autocaravanaspt.blogspot.pt/>